

## Sociedades de controle e o grito de Eric Garner: o racismo antinegro do cogito da mercadoria na (através da) filosofia de Deleuze

Renato Noguera\*

### Introdução ou um prelúdio necessário

O que nos interessa aqui não é o que o filósofo francês pensou apenas ou somente o que podemos pensar sobre Deleuze, mas o que com Deleuze, a partir de Deleuze (seja em favor ou contra Deleuze), nós somos (ainda) capazes de pensar. Neste sentido, ainda que seja muito óbvio, vale dizer que uma boa maneira de “seguir-lo” é passar por onde ele não passou. Afinal, estamos de acordo com a ideia de que a história da filosofia “é inteiramente desinteressante se não se propuser a despertar um conceito adormecido, a relançá-lo numa nova cena, mesmo ao preço de voltá-lo contra ele mesmo”<sup>1</sup>. É preciso descentrá-lo, confrontá-lo.

O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a filosofia; tudo parte de uma misosofia. Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de elevar e instalar a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar.<sup>2</sup>

“Um grito de Artaud – ‘Para dar um fim ao julgamento de Deus!’ – ressoa como questão filosófica na obra de Gilles Deleuze”<sup>3</sup>. O grito de Eric Garner<sup>4</sup> – “Eu não consigo respirar! (I can’t breath!)”<sup>5</sup> – tremula como nossa proposição filosófica. Deleuze vê Artaud como um artista que rompe com uma imagem dogmática do pensamento, criando

---

\* Renato Noguera é Professor Adjunto de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Duque de Caxias, RJ, Brasil. Contato: [renatonoguera@ymail.com](mailto:renatonoguera@ymail.com)

<sup>1</sup> Deleuze, G. & Guatarri, F. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 109.

<sup>2</sup> Deleuze, G. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p. 230.

<sup>3</sup> Abreu, O. “Deleuze e a arte: o caso da literatura” In: *O que nos faz pensar*, número 22, nov. 2007, p.199.

<sup>4</sup> Eric Garner (homem negro) foi assassinado por policiais brancos em 17 de julho de 2014 em Nova York nos Estados Unidos.

<sup>5</sup> O grito de Eric Garner, que aparece no título e inspira o nosso escrito, poderia ser substituído pelos gritos de Amarildo Souza, Cláudia da Silva ou de Michael Brown. A escolha pelo grito de Garner tem um motivo: permitir que a pessoa que lê o texto, acesse o grito em áudios <http://front.moveon.org/eric-garners-last-words/#.VKaCjCvF-bQ> e <http://www.hiaw.org/garner/>; ou no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=g-xHqf1BVE4>. O nosso intuito é que as nossas leitoras e nossos leitores possam ter a mesma trilha sonora que nos inspira. Por outro lado, escutem também como as forças de assujeitamento marcadas pelo racismo antinegro são tenazes e como um corpo (negro) se debate para continuar respirando.

uma arte nômade. Garner também nos força a pensar. Ele era afro-americano, negro, estadunidense, vendia cigarros ilegais e foi morto porque teria resistido à voz de prisão dada por um policial branco. Isso tem algum verniz ou interesse filosófico? O que o grito de Garner faz ecoar na / para a filosofia? Deleuze, ao lado de Guattari, diz algo que nos guia: “qual a melhor maneira de seguir grandes filósofos, repetir o que eles disseram, ou então fazer o que eles fizeram, isto é, criar conceitos para problemas que mudam necessariamente?”<sup>6</sup> A resposta é simples. “Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia”<sup>7</sup>. Pois bem, o grito de Garner nos impele a criar conceitos para retomarmos a respiração.

Ao invés de sentimentalismo, tragédia sem ensaio, ingresso, mas tragédia que, longe dos palcos de teatro, faz praticamente uma cidade inteira chorar pela morte prematura do jovem Michael Brown.<sup>8</sup> O que nos força a pensar é o asfalto quente do Rio de Janeiro com pedaços de pele, com blocos de carne do corpo sem órgãos (funcionando) de Cláudia Ferreira.<sup>9</sup> O que nos força pensar é o desaparecimento de Amarildo de Souza<sup>10</sup> que, segundo diversos depoimentos<sup>11</sup>, ocorreu por ordem de um comando de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no Rio de Janeiro. O que nos força a pensar é o veto da Fédération Internationale de Football Association (FIFA) ao ator Lázaro Ramos e à atriz Camila Pitanga para cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014 no Brasil; especialmente pela imediata substituição do casal (negro) pela atriz branca Fernanda

---

<sup>6</sup> Deleuze, G. & Guattari, F. *O que é a filosofia?*, p.41.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>8</sup> Na cidade de Ferguson, Estado do Missouri, nos Estados Unidos, o jovem Michael Brown, de 18 anos, estava desarmado quando foi morto pelo policial branco Darren Wilson, em 09 de agosto de 2014. O Juri de St. Louis decidiu que não existiam provas suficientes para indiciar o policial branco, em 24 de novembro de 2014 (<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/policial-branco-mata-outro-jovem-negro-nos-eua>, <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/11/ultimos-minutos-de-michael-brown-tem-versoes-contraditorias.html>, <http://www.dw.de/entenda-o-caso-michael-brown-e-os-protestos-em-ferguson/a-17861142>).

<sup>9</sup> Cláudia Silva Ferreira foi alvejada por tiros no pescoço e nas costas em meio a uma operação da Polícia Militar (PM) na manhã do dia 16 de março de 2014, no Morro da Congonha, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O corpo de Cláudia, auxiliar de serviços gerais, foi arrastado por pelo menos 250 metros, preso por um pedaço de roupa ao porta-malas da viatura policial. (<http://pt.globalvoicesonline.org/2014/03/24/claudia-ferreira-da-silva-morta-em-acao-policial-tornada-invisivel-pela-midia/>, <http://blogueirasfeministas.com/2014/03/claudia-silva-ferreira-38-anos-auxiliar-de-limpeza-morta-arrastada-por-carro-da-pm/>).

<sup>10</sup> Amarildo de Souza, negro e ajudante de pedreiro, desapareceu no dia 14 de julho de 2013, depois de ser levado por agentes de segurança pública para a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha, uma das mais conhecidas favelas da cidade do Rio de Janeiro onde residia.

<sup>11</sup> Os depoimentos colhidos pelo poder judiciário convergem para a tese de que o objetivo era prender os “ficha limpa” que tinham ligações com tráfico de drogas e fazer uma acareação, mas os indícios da relação de Amarildo de Souza com o comércio ilegal de drogas não foi concluído. Apenas se sabe que ele foi torturado e morto (<http://oglobo.globo.com/rio/a-rocinha-quer-saber-onde-esta-amarildo-9156093>, <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/comandante-de-upp-mandou-tropa-mentir-apos-morte-de-amarildo-diz-pm.html>)

Lima e pelo ator branco Rodrigo Hilbert.<sup>12</sup> O padrão FIFA tem fixação por peles brancas, cabelos lisos e dourados; por que não dizer rejeição aos cabelos crespos e peles negras, sejam negras claras ou mais pigmentadas? Afinal, o que explicaria a recusa de Camila Pitanga e Lázaro Ramos?

Algumas pessoas podem perguntar se a filosofia não deve tratar de universais (coisas como o belo, a justiça, a verdade e similares), que esses acontecimentos não são filosóficos e que a antropologia, a história e a sociologia têm muito mais a dizer sobre esses eventos do que a filosofia. Uma leitora desavisada, ou um leitor, pode nos oferecer um milhão de críticas pelos nomes aqui trazidos, modos de abordagem e perguntar enfaticamente: o jornalismo não tem mais a dizer sobre o caso Amarildo?! Ou a filosofia pode dizer algo sobre o pedreiro negro, pai de seis filhos que andava de bermuda, camisa nos ombros e chinelos rasteiros? Mas a filosofia pode responder por que Amarildo desapareceu? Tal como Eric Garner, Michael Brown, Cláudia Ferreira entre outras e outros, Amarildo é nosso intercessor. Afinal, o que nos força a pensar? São os intercessores. “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – [...], é preciso fabricar seus próprios intercessores”.<sup>13</sup> Jorge Vasconcellos enfatiza que são os intercessores que forçam “o pensamento a sair de sua imobilidade”.<sup>14</sup> Pois bem, nossos intercessores são pessoas, são acontecimentos, encontros entre máquinas estatais de matar gente “inimiga” do Estado. Nossos intercessores são compostos por uma ação da FIFA que, depois de ver as fotos de um casal negro, preferiu procurar um casal branco e recusou a recomendação inicial. Nossos intercessores são os conflitos que deixam mortos nas favelas, os conflitos que fazem o braço armado do Estado (essa mesma polícia que também é morta) acertar negras(os). Nossos intercessores são os históricos que bradam, “somos todos iguais”, e se ressentem com as políticas de ações afirmativas que enegrecem os bancos universitários. Nossos intercessores foram batizados de Amarildo de Souza, Cláudia Ferreira, Eric Garner, Michael Brown, Camila

---

<sup>12</sup> A rejeição da FIFA aos nomes de Camila Pitanga e Lázaro Ramos para apresentar o sorteio de grupos da Copa do Mundo 2014 foi parar na Justiça. O Ministério Público do Estado de São Paulo instaurou uma investigação criminal para apurar se houve motivação racista na substituição da dupla negra pelo casal branco Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert (<http://www.xonei.com.br/racismo-fifa-veta-lazaro-ramos-e-camila-pitanga-no-sorteio-da-copa-e-sao-acusados-confira/> <https://br.tv.yahoo.com/blogs/tv-esporte/mp-investiga-fifa-por-suposto-racismo-no-veto-041334024.html>).

<sup>13</sup> Deleuze, G. “Os intercessores” In: \_\_\_\_\_. *Conversações*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p. 156.

<sup>14</sup> Vasconcellos, J. “A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia” In *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 93, Set./Dez. 2005, p.1224.

Pitanga, Lázaro Ramos, Neymar<sup>15</sup>, Ronaldinho Gaúcho<sup>16</sup>, Aranha<sup>17</sup>, Daniel Alves<sup>18</sup>. Ora, alguns argumentos infantis podem dizer que tudo não passa de discriminação social. Ora, Lázaro Ramos, Camila Pitanga, Neymar, Daniel Alves, Aranha, Tinga<sup>19</sup>, Hulk<sup>20</sup> e Ronaldinho Gaúcho não foram discriminados por serem pobres. Ou existem dúvidas? A razão suficiente e necessária para essas interdições, impedimentos, ofensas e esculachos são (efeitos de) o racismo antinegro. Todas essas pessoas que são vítimas do racismo, sejam mais ou menos pigmentadas, são negras. Portanto, ainda que isso seja incômodo para algumas leitoras e alguns leitores, a questão é racial.

Em *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*, Deleuze acena que pretende retomar um projeto inacabado de Foucault: tratar da passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle. Nosso objetivo é pensar sobre e através do racismo nas sociedades disciplinares e de controle – um tema que não foi alvo de mobilizações diretas e incisivas de Deleuze. Nossa atenção especial é para o racismo antinegro, para os gritos de resistência que esse dispositivo racista provoca. O grito: “Eu não consigo respirar!” é o que nos força e obriga a pensar.

## Sociedades de controle e racismo

Deleuze, a partir da obra de Foucault, distinguiu três regimes sociais – as sociedades de soberania, as sociedades disciplinares e as sociedades de controle.

---

<sup>15</sup> Neymar foi alvo de ofensas racistas diversas vezes, conforme algumas notícias que não foram veiculadas com muita intensidade quando ainda jogava no Brasil pelo time do Santos em janeiro de 2013, antes da sua transferência para o Barcelona. Mas, também foi xingado de macaco na seleção brasileira e no Barcelona em outras ocasiões (<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2013/01/neymar-acusa-tecnico-do-ituano-de-racismo-me-chamou-de-macaco.html>, <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/apos-derrota-neymar-e-alvo-de-racismo-por-parte-da-torcida-do-barcelona/>).

<sup>16</sup> Ronaldinho Gaúcho foi chamado de macaco por um político mexicano em 2014. (<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/03/torcedores-imitam-macaco-e-atiram-banana-para-neymar.html>)

<sup>17</sup> O goleiro Aranha, quando era o arqueiro do Santos, durante o campeonato brasileiro de futebol da série A em 2014, foi chamado de macaco pela torcida do Grêmio. As câmeras pegaram uma jovem branca, Patrícia Moreira, gritando a ofensa racista, repetidas vezes, em 28 de agosto de 2014 (<http://oglobo.globo.com/esportes/goleiro-do-santos-vitima-de-racismo-em-porto-alegre-13762998>).

<sup>18</sup> Em 27 de abril de 2014, o jogador de futebol Daniel Alves foi vítima de racismo: além dos xingamentos de macaco, recebeu bananas durante uma partida (<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/alvo-de-racismo-na-espanha-daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor>).

<sup>19</sup> Em 13 de fevereiro de 2014, o jogador Tinga foi alvo de ofensas racistas em partida no Peru (<http://esportes.terra.com.br/cruzeiro/com-imitacao-de-macacos-cruzeirense-e-alvo-de-racismo-em-jogo-no-peru.6cc3c4d59e824410VgnVCM4000009bcecb0aRCRD.html>)

<sup>20</sup> Em 1º de outubro de 2014, o jogador Hulk foi alvo de ofensas racistas em partida na Rússia (<http://odia.ig.com.br/esporte/2014-10-01/hulk-sofre-racismo-em-jogo-na-russia-e-spartak-de-moscou-pode-ser-punido.html>)

Primeiro: “Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições”.<sup>21</sup> Segundo, é importante compreender que aquilo que comumente se denomina passagem de regime social para outro não indica necessariamente uma fase superada. Deleuze costuma agenciar múltiplas linhas, fazendo com que bifurquem, saltando sobre elas e as fazendo convergir em função dos problemas que se apresentam. Neste sentido, as sociedades de soberania se transformam, mas não cessam completamente. O mesmo se pode dizer das sociedades disciplinares, que também seguem margeando e se agenciando com as forças do regime social que gira em torno do controle. Para Deleuze, ainda que seja preciso compreender as forças específicas de cada regime social, não se trata de fases que desaparecem sem deixar ecos visíveis. Os investimentos na produtividade do corpo, efeitos de poder como sujeição e dominação, se aperfeiçoam, retroalimentam e acumulam. Na sociedade de soberania, castiga-se; na disciplina, busca-se a utilidade econômica e docilidade política; na sociedade de controle, fluxo contínuo e gestão da vida. Aqui vamos nos dedicar ao regime social que atende pelo termo “controle”. A expressão “sociedade de controle” apareceu na *Carta a Serge Daney*, um prefácio feito por Deleuze para o livro *Ciné-Journal*, publicado em 1986, do crítico de cinema francês Daney.

Michael Hardt considera que Deleuze disse muito pouco sobre a sociedade de controle: “o artigo mal passa de cinco páginas. Ele diz muito poucas coisas concretas sobre a sociedade de controle”.<sup>22</sup> Além deste texto curto, Deleuze fez a conferência *Qu'est-ce que l'Acte de Création?*<sup>23</sup> em 1987, e um diálogo com Foucault intitulado *Os intelectuais e o poder*,<sup>24</sup> realizada em 1972. Nesse caso, a tese defendida pelo filósofo trata de uma passagem: a sociedade disciplinar se transformando em sociedade de controle. Para Hardt, o “que Deleuze propõe é, de fato, uma simples imagem dessa passagem, [...] bela [...] mas, não suficientemente articulada para nos permitir compreender essa nova forma de sociedade”.<sup>25</sup> O que Deleuze tem a dizer de notável sobre a sociedade de controle? É preciso entender que a filosofia sempre teve antagonistas, “desde os ‘rivais’ de Platão até o bufão de Zaratustra. Hoje é a informática,

<sup>21</sup> Deleuze, G. “Post-scriptum sobre as sociedades de controle” In: \_\_\_\_\_. *Conversações*, Op. Cit, p.219.

<sup>22</sup> Hardt, M. “A sociedade mundial de controle” In: Allies, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coordenação de tradução Ana Lúcia de Oliveira, São Paulo, Editora 34, 2000, p.357.

<sup>23</sup> Deleuze, Gilles. *Qu'est-ce que l'Acte de Création?* In: \_\_\_\_\_. *Deux Régimes de Fous: textes et entretiens 1975-1995*. Paris: Minuit, 2003.

<sup>24</sup> Foucault, M. & Deleuze, G. *Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze* In: Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Gral, 1993.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p.357-358

a comunicação, a promoção comercial que se apropriam dos termos ‘conceito’ e ‘criativo’, [...] o cogito da mercadoria”<sup>26</sup>. Na sociedade de controle vamos nomear o “cogito da mercadoria” como expressão conceitual que condensa o rival contemporâneo da filosofia. Um rival que atua através do *marketing*, um “instrumento de controle social [...]. O controle é de curto prazo [...] rotação rápida, [...] contínuo e ilimitado, [...]. O homem não é mais [...] confinado, mas o homem endividado”.<sup>27</sup>

O cogito da mercadoria é pouquíssimo tematizado por Deleuze: aparece na entrevista de setembro de 1988 dada a Raymond Bellour e François Ewald. Mas aqui consideramos o “cogito da mercadoria” como notável e importante para a questão que está em pauta: o racismo (antinegro) constituído e constituinte das sociedades de controle. Nossa hipótese: o cogito da mercadoria condensa e se constitui como catalisador das forças racistas da sociedade de controle. Se nas sociedades de disciplina o racismo funciona/funcionou baseado em representações de natureza, separando, divorciando e excluindo o racismo, nas sociedades de controle funciona incluindo. Um racismo tão poderoso que diz “somos todos iguais”.

“Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX”.<sup>28</sup> O racismo nessas sociedades de disciplina separava explicitamente, insistia em dizer que existiam territórios civilizados e imersos em privilégios e vantagens para a população branca. Nos Estados Unidos da América, na Índia desse período, ou ainda em um dos mais truculentos sistemas antinegros: o *apartheid* sul-africano. Em todos esses casos, a operação racista se dava por meio de segregação: pediam-se passes para entrada e saída, prendia-se e matava-se as pessoas que não fossem brancas e rompessem suas fronteiras. Isso não quer dizer que o racismo nas sociedades de controle não mate, não prenda e que as fronteiras foram desfeitas. O racismo nas sociedades de controle prefere catequisar com o imperativo “se esforce para ser / parecer uma pessoa branca!”. Ora, Deleuze não se dedicou a pensar o racismo antinegro de modo prolongado. Porém, em parceria com Guattari, nos brinda com colocações notáveis sobre as modulações em função de um rosto branco.

O racismo europeu como pretensão do homem branco nunca procedeu por exclusão nem atribuição de alguém designado como Outro: seria antes nas sociedades primitivas que se apreenderia o estrangeiro como um “outro”. O racismo procede por determinação das variações de desvios, em função do rosto Homem branco que pretende integrar em

---

<sup>26</sup> Deleuze, G. “Sobre a filosofia” In: \_\_\_\_\_. *Conversações*, Op. Cit., p.170.

<sup>27</sup> Deleuze, G. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”, Op. Cit., p.222.

<sup>28</sup> *Ibidem*, 219.

ondas cada vez mais excêntricas e retardadas os traços que não são conformes, ora para tolerá-los em determinado lugar e em determinadas condições, em certo gueto, ora para apagá-los no muro que jamais suporta a alteridade (é um judeu, é um árabe, é um negro, é um louco..., etc). Do ponto de vista do racismo, não existe exterior, não existem as pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem. A cisão não passa mais entre um dentro e um fora, mas no interior das cadeias significantes simultâneas e das escolhas subjetivas sucessivas. O racismo jamais detecta as partículas do outro, ele propaga as ondas do mesmo até à extinção daquilo que não se deixa identificar (ou que só se deixa identificar a partir de tal ou qual desvio). Sua crueldade só se iguala a sua incompetência ou a sua ingenuidade.<sup>29</sup>

Se o racismo antinegro nas sociedades disciplinares separava, integrando os indivíduos “em um só corpo, para a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento na massa, e dos sindicatos que mobilizavam uma massa de resistência”<sup>30</sup>, o controle rígido nas sociedades disciplinares de segregação racial vigiava tempo gasto e espaço ocupado. Se entendermos o Brasil dos séculos XVI ao XIX como uma sociedade de soberania em transição para um regime disciplinar, a escravização negra era regra; as resistências possíveis eram quilombos e assassinatos de sinhás e sinhôs. As resistências às proibições dos regimes soberano e disciplinar sempre tiveram corpos negros na linha de frente nas sociedades multirraciais, interdisciplinares e pluriétnicas. Em meados do século XX, o modelo disciplinar estadunidense proibia que negras(os) sentassem nos bancos da frente dos ônibus e tinha uma ordem clara: “se o ônibus estiver cheio, levantem para as(os) brancas(os)”. Um dia, uma costureira chamada Rosa Parks não levantou para um homem branco e foi presa. Foi o estopim suficiente e necessário para grandes mobilizações em massa de resistência. Não estamos dizendo que nas sociedades de controle não existem espaços para essas mobilizações, mas o racismo opera incluindo, cooptando para o seu lado pessoas que desejam resistir. Essa estratégia de cooptação é uma maneira de trazer para perto e para dentro do sistema de controle, o que diminuiria as mobilizações. Nessas sociedades, o regime se ocupa incluindo, “convencendo” que a negrura dos corpos deve se converter em brancura para uma vida melhor. Por isso, é preciso perguntar: de que inclusão nós estamos falando? Da inclusão diferencial. Ou seja, a inclusão é por meio de submissões, assujeitamentos e sempre obedecendo ao modelo do cogito da mercadoria. No racismo antinegro, a minoria negra é assujeitada sistematicamente. O termo “minorias” pode causar algum desconforto. No caso do Brasil,

<sup>29</sup> Deleuze, G. & Guattari, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. V. 3, pp.30-31.

<sup>30</sup> Deleuze, G. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”, Op. Cit, p. 221.

a maioria da população é negra.<sup>31</sup> Nos termos usados por Deleuze e Guattari, “minorias” e “maioria” vivem juntas. Numa sociedade de controle, a segregação não deve ser uma prática política oficial.

A noção de minoria, com suas remissões musicais, literárias, linguísticas, mas também jurídicas, políticas, é bastante complexa. Minoria e maioria não se opõem apenas de uma maneira quantitativa. Maioria implica uma constante, de expressão ou de conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é avaliada. Suponhamos que a constante ou metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades-falante de uma língua padrão-europeu-heterossexual qualquer (o Ulisses de Joyce ou de Ezra Pound). É evidente que “o homem” tem a maioria, mesmo se é menos numeroso que os mosquitos, as crianças, as mulheres, os negros, os camponeses, os homossexuais... etc. É porque ele aparece duas vezes, uma vez na constante, uma vez na variável de onde se extrai a constante. A maioria supõe um estado de poder e de dominação, e não o contrário.<sup>32</sup>

A pergunta que não podemos calar é fácil de formular: como se dá essa inclusão diferencial negra nas sociedades de controle multirraciais, pluriétnicas e interculturais? Afinal, se a segregação não integra a agenda das sociedades de controle, e os campos de concentração e fronteiras policiadas tendem a desaparecer, as barreiras formais às funções de maior prestígio também. Por isso, se à primeira vista, a exclusão racial não existe, em diversos casos, tais como no exercício da medicina, vale mencionar ofensas racistas de que médicos negros (cubanos) foram alvos.<sup>33</sup> O que está em jogo é que a profissão médica opera através do rosto branco. A ideia que estava presente na manifestação foi simples: “na sociedade de controle, toleramos negras(os) trabalhando em hospitais; mas, não como

---

<sup>31</sup> Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem cinco categorias oficiais de cor / raça: preta, parda, indígena, amarela e branca. A categoria analítica negra tem caráter político e recobre a soma de outras duas: preta e parda. Do ponto de vista informal, pretas são pessoas negras mais pigmentadas, enquanto pardas são pessoas negras menos pigmentadas ou mais claras. Em números dos primeiros Censos Demográficos da segunda década do século XXI, negras e negros representavam 50,7% da população brasileira.

<sup>32</sup> Deleuze, G. & Guattari, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 2, p. 52.

<sup>33</sup> Como é a inclusão nos grandes shoppings das metrópoles? Gerentes das lojas de grifes caras e famosas são brancas(os), seguranças são negros, faxineiras são negras, a maior parte das(os) clientes são de “maioria” branca e de uma “minorias” negra que, pelo esforço da meritocracia, incorporou o cogito da mercadoria. Nos hospitais? As(Os) médicas(os) são brancas(os), enfermeiras(os) brancas(os) e negras(os), técnicas em enfermagem de “maioria” negra, na faxina e serviços mais pesados e mal remunerados, a maioria é da “minorias” negra. Tanto que, no Brasil do século XXI, pessoas da categoria médica que eram contra o “Programa Mais Médicos”, que trazia médicas e médicos de outros países, diziam em alto e bom som que as médicas pareciam manicures e faxineiras, e os médicos pareciam motoristas e faxineiros. Aqui não cabe uma avaliação da Lei 12.871/2013, que instituiu o Programa Mais Médicos; só cabe uma leitura do racismo antinegro, principalmente pelas declarações e reações à entrada de médicas negras cubanas e médicos negros cubanos. Algumas / alguns profissionais da classe médica e jornalistas, que aguardaram médicas e médicos estrangeiros chegarem ao aeroporto para vaiarem de modo enfático, e usaram ofensas racistas contra médicas negras e médicos negros. Ver a notícia, por exemplo, em: (<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1333042-vamos-para-onde-os-brasileiros-nao-vao-diz-cubano-vaiado-por-medicos.shtml>).



médicas(os)”. Os enunciados e as palavras de ordem do racismo antinegro, assim como de outros modos de discriminação, nas sociedades de disciplina, são criticados pelas sociedades de controle. Não é mais admissível ofender alguém ou um grupo usando artifícios de animalização ou coisificação: “os negros são macacos”, “ela dorme com muitos homens, é uma galinha”, “ela só namora mulheres: é sapatão”, “ele usa o ânus para ter / dar prazer: é veado”, porque a legislação dos regimes sociais de controle tem sido mais severa nas punições e a opinião pública faz o coro de que todos são iguais. Contudo, mesmo diante das políticas antirracistas das sociedades de controle, as práticas racistas permanecem. Hardt sinaliza para a nova forma que o racismo assume; numa leitura feita através de Deleuze, nos diz que “a hegemonia e submissão das raças não é uma questão teórica, mas advêm de uma livre competição, de uma espécie de lei do mercado da meritocracia cultural”. Por isso, ao invés de uma teoria racista que sirva como suporte ontológico das práticas racistas, como ocorria nas sociedades disciplinares, dentro das sociedades de controle, concordamos que se trata de uma “estratégia de inclusão diferencial”<sup>34</sup>, com a nossa hipótese de que o cogito da mercadoria impõe “uma modulação para cada salário, num estado de perpétua metaestabilidade, que passa por desafios, concursos e colóquios extremamente cômicos”<sup>35</sup>. Na competição capitalista, “ser branco” ou “parecer branco” é uma variável que favorece bastante na “justa” e “livre” competição. Ora, nesses colóquios da livre competição, o rosto branco é o que se persegue. Qual é o objetivo? O “propósito da dominação branca [...] engajar inicialmente o contato com a alteridade para, em seguida, submeter as diferenças, segundo os graus de afastamento do elemento branco”.<sup>36</sup>

### **Cogito da mercadoria e racismo (antinegro)**

Se o nosso alvo é o cogito da mercadoria, precisamos colocá-lo em cena. Um exemplo relevante para nossa caminhada são os postos de policiamento permanentes em zonas urbanas pobres e de maioria negra. Nós nos referimos às Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), que começaram a se instalar no Rio de Janeiro no fim da primeira década do século XXI (em dezembro de 2008). Ora, se por um lado, isso começou a marcar novas liberdades, por outro lado, logo passou a ser elemento integrante de

<sup>34</sup> Hardt, M. Op. Cit., p. 365.

<sup>35</sup> Deleuze, G. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”, Op. Cit, p.221.

<sup>36</sup> Hardt, Op.Cit., p.366.

mecanismos de controle. A liberdade passou a ser vigiada e um conflito permanente parece ter se instalado: ao invés de uma guerra fria entre o Estado e os fora-da-lei pobres e negros, uma guerra morna, sem trincheira, em que todos estão próximos demais. Uma batalha morna diária, sempre pronta a esquentar repentinamente, matando moradores, bandidos e policiais.

No regime de controle, o mundo das aparências não se opõe ao verdadeiro. Nas sociedades de controle, a superfície é “profunda”, porque tudo está à mostra. Por isso, ser negra ou indígena, assim como ser branca, não corresponde a uma interioridade. O ensaísta Carlos Moore<sup>37</sup> nos brinda com uma interpretação de que o racismo antinegro só tem como base o fenótipo. Ou seja, a superfície. Em outros termos, a aparência determina o racismo. Não se trata de uma essência inscrita nos genes ou de um padrão cultural e histórico que se mantém constante. Pois bem, o antirracismo das sociedades disciplinares se construiu a partir de uma ideia simples: não existem raças. As pessoas não podem ser definidas, analisadas e divididas, a partir do conceito de raça, em seu sentido biológico. Ora, o pressuposto desse antirracismo pode ser descrito em um silogismo: o racismo existe porque se supõe que a humanidade possa ser dividida em raças; se, do ponto de vista biológico, raças não existem, o racismo é *impossível*. Mas Hardt se propõe a interpretar Deleuze e traz um raciocínio que pode, à primeira vista, soar inusitado: o antirracismo das sociedades disciplinares diz a mesma coisa que o racismo do regime social de controle. O fim das raças – enquanto conceito biológico – é o sepultamento da divisão entre aparência e essência. Mas não é o fim do racismo, porque as raças continuam existindo, porque, nas sociedades de controle, o conceito de raça assume sentido histórico e social. É preciso dizer que, ainda que o sentido deixe de ser biológico, e de recorrer a configurações essencialistas, a outra noção de raça tem determinações históricas, cultural e socialmente construídas. Em sua leitura de Deleuze, Hardt vai nos dizer que “a hierarquia entre as raças não é entendida como causa, mas como efeito das circunstâncias sociais”.<sup>38</sup> Portanto, o racismo continua; a posição pluralista conserva o princípio da separação pelo mérito, deixando subentendido que o mérito é branco. Sepultada como ideia de raça biológica, a raça foi revitalizada como categoria histórica e social. O que chamamos de mérito branco está além da pele; é um modo de vida. Uma força que tem se agenciado às práticas de dominação. Branca é a cor das bandeiras de colonização,

---

<sup>37</sup> Moore, C. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

<sup>38</sup> Hardt, M. Op. Cit., p. 365.

branco é o termo que se atribui à paz – uma invenção do Estado para se manter dominando e expandindo. Ora, quando se diz “deu branco”, o “branco” é um sintoma do esquecimento desses conflitos. Deleuze, ao lado de Guattari, criticou o Édipo como uma submissão ao Estado, colocando sob suspeita a ideia de que uma determinada articulação cultural possa ser tomada como universal. A raça branca, como cultura, política e agenciamento-padrão, organização da vida, desemboca no mesmo: pasteurização de tudo, homogeneização da vida e dos modos de existir. O conceito catalisador dessa força de dominação é o cogito da mercadoria.

### **Os elementos do cogito da mercadoria**

O cogito da mercadoria é branco. De início, o cogito da mercadoria nos remeteria à filosofia cartesiana, porque a consagração do cogito na história da filosofia foi registrada e patenteada por Descartes. O célebre “penso, logo existo” colocou a substância pensante como natureza primeira do sujeito. O humano pensa antes de tudo, sendo que, neste caso, pensar significa representar. O cogito da mercadoria é um conceito formado por alguns elementos, dentre os quais, a consciência. Certo é que não “há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem portanto uma cifra”. O cogito da mercadoria é uma cifra.

Em primeiro lugar, cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes. Cada conceito tem componentes que podem ser, por sua vez, tomados como conceitos (assim Outrem tem o rosto entre seus componentes, mas o Rosto, ele mesmo, será considerado como conceito, tendo também componentes). Os conceitos vão, pois, ao infinito e, sendo criados, não são jamais criados do nada. Em segundo lugar, é próprio do conceito tornar os componentes inseparáveis nele: distintos, heterogêneos e todavia não separáveis, tal é o estatuto dos componentes, ou o que define a consistência do conceito, sua endo-consistência.<sup>39</sup>

No caso que nos interessa, em função dos problemas que consideramos mal vistos, o conceito de cogito da mercadoria tem três componentes ordenados: 1º) Consciência; 2º) Comunicação; 3º) Mercado.

Pois bem, comecemos pela consciência. Em linhas muito gerais, para Deleuze<sup>40</sup>, o conceito de consciência pressupõe diversos elementos. Pensando com Deleuze, a consciência nos impõe um exercício de busca da verdade, como uma aventura que não

<sup>39</sup> Deleuze, G. & Guattari, F. *O que é a filosofia?*, p.31.

<sup>40</sup> Deleuze, G. *Diferença e repetição*, p. 72.

deve ser influenciada pelas paixões, obedecendo a um rigoroso método. Na consciência branca, entendemos que se instala um modo de percepção da realidade que enquadra tudo sob a ótica da branquidade europeia, ocidental e dos povos do norte. A consciência branca remete às tradições com vontade de catequisar, aos impérios, ao que produz o “dar branco”, isto é, ao esquecimento da diferença. Com efeito, nossa definição de consciência é esquecimento da diferença, o conceito de “dar branco”. Tudo que existe passa a fazer sentido se estiver em função da norma ser-branca(o). Os anormais estão distantes do rosto branco. A consciência branca se aproxima daquilo que Deleuze, ao lado de Guattari, chamou de rosto branco.

A cada instante, a máquina rejeita rostos não-conformes ou com ares suspeitos. Mas somente em certo nível de escolha. Pois será necessário produzir sucessivamente desvios padrão de desviação para tudo aquilo que escapa às correlações biunívocas, e instaurar relações binárias entre o que é aceito em uma primeira escolha e o que não é tolerado em uma segunda, em uma terceira, etc.<sup>41</sup>

Não podemos confundir esse rosto branco com a consciência branca que integra o conceito de cogito da mercadoria, ainda que sejam aparentados. “O rosto é assim uma ideia completamente particular em sua natureza, o que não o impede de ter adquirido e de exercer uma função mais geral”.<sup>42</sup> A consciência branca também é um particular: funciona como máquina de pasteurização, trabalha como um festejo diário de uma perspectiva de representação do mundo. Dito de modo mais específico, a consciência branca é um modo de humanizar os sujeitos, em função de fazer da vida um projeto filosófico que tem um DNA grego, uma filiação religiosa judaico-cristã, uma representação política em que o Estado é ocupado pelos jogos entre a esquerda e a direita, os conflitos entre os que querem transformar e os que querem conservar. A consciência branca foi o que fez a estrela pop Michael Jackson tomar doses cavalares de remédios contra a dor. A inadequação do astro estadunidense se devia ao imperativo: “seja branco para ser humano”. Não foram apenas os medicamentos, sejam comprimidos ou pomadas, que Michael Jackson tinha como paliativos. Estes somente auxiliavam as porções nada modestas de consciência branca, que fizeram dele um homem branco. A consciência branca opera junto com a comunicação sem freio e o deus-mercado.

A comunicação é mais um componente. A expressão é “comunicação sem freio”. Para Deleuze, a comunicação é o que temos em excesso nas sociedades de controle. A

---

<sup>41</sup> Deleuze, G. & Guattari, F. *Mil Platôs*, Vol. 3, p. 73.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p.83.

comunicação pressupõe que todos têm opinião sobre tudo, todas as pessoas têm ideias e devemos debater tudo o tempo todo. O cogito da mercadoria é composto pelo “excesso de comunicação”, o blá-blá-blá contínuo, o fluxo de opiniões que se dizem conceitos, mas são ideias que não cessam de se repetir, ideias que insistem em desenhar um rosto, um rosto masculino e branco. Os outros rostos são desenhados em função desse rosto branco, que funciona como um poderoso emissor de enunciados de convencimento e sedução.

Todos somos suscetíveis ao impulso das ideias virais. Como histeria em massa. Ou uma melodia que fica na sua cabeça e você fica cantarolando o dia inteiro até espalhá-la para mais alguém. Piadas. Lendas urbanas. Religiões malucas. Marxismo. Não importa o quanto inteligente fiquemos, há sempre uma parte irracional profunda que nos torna hospedeiros em potencial de informações auto-replicas.<sup>43</sup>

Os enunciados possíveis insistem em comunicar palavras de ordem, propagandas, campanhas publicitárias, *marketings* em rede que não cessam de circular, de correr pelos circuitos das sociedades de controle, apresentando o que se deve pensar, como pensar, como desejar, como ser, como se agenciar. O que, num determinado registro, deve ser feito tendo o rosto branco como régua da qual não se deve afastar-se muito. Os comerciais de perfume insistem em modelos brancas, e, as peças publicitárias de carros não mudam os protagonistas, homens brancos na direção dos automóveis. A comunicação inunda as redes das sociedades de controle, sem segregar politicamente; mas sendo muito eficaz em anular “vacúolos de não-comunicação” que são, para Deleuze, indispensáveis “para escapar ao controle”.<sup>44</sup> A comunicação é um componente conceitual que nos lança na ideia de falatório, circulação desenfreada, excesso de opinião sobre tudo e todas as coisas.

A comunicação sem freio ocupa todos os espaços, atravessa a vida pública e investe pesado na vida privada. Essa comunicação deixa os aparelhos eletroeletrônicos ligados na tomada o dia inteiro. As mensagens são lidas sem cessar. A necessidade de novos aparelhos, de novas ferramentas (de comunicação), faz com que a obsolescência programada seja cada vez mais rápida. Ontem, tínhamos um celular que prestava se ele durasse um ano; agora, torna-se velho em uma semana. A sede de comunicação faz com que essa consciência branca seja transmitida e retransmitida por todos os meios, venha de cima, de baixo, de todos os lados, acertando as pessoas de todas as formas. As feridas abertas não fecham. Ficamos acostumados e, quanto mais somos atingidos, parece que mais precisamos de comunicação sem freio nos dando consciência branca. Óbvio que não

<sup>43</sup> Stephenson, N. *Nevasca*. Tradução Fábio. Fernandes. São Paulo: Aleph, 2008, pp.368-369.

<sup>44</sup> Deleuze, G. “Controle e Devir” In: \_\_\_\_\_. *Conversações*, Op. Cit., p.217.

se trata apenas dos comerciais de margarina que trazem uma família heteronormativa branca e de classe média: às vezes a mãe faz o café e o pai lê o jornal, a filha loira pega uma maçã e o filho toma um copo de leite. Outras vezes, os xampus lavam cabelos (étnicos) lisos ou ondulados de raiz (de gente) branca. Esses esquetes da comunicação sem freio insistem em dizer que os corpos humanos são brancos, coisa que qualquer criança sabe. Mas resta dizer que a comunicação sem freio pretende esganar o silêncio, os intervalos, a imanência da vida substituindo tudo isso pelas paisagens barulhentas dos marqueteiros. A publicidade visa a assumir um papel-chave, porque pretende fabricar os “acontecimentos”. Ora, um acontecimento é uma coisa que nunca se repete. Pois “é acontecimento tudo que não é evidente”.<sup>45</sup> Todavia, a comunicação sem freio pretende fazer o acontecimento ser um espelho da evidência. É essa ambiguidade que sempre converge para a sujeição que integra o cogito da mercadoria.

O problema que está a par com o conceito de comunicação desenfreada é a recusa do acontecimento ou a sua transformação em matéria morta. De modo simples: o estabelecimento desse elemento do conceito de cogito da mercadoria é responsável pela morte do acontecimento. Como isso se dá? Pois bem, para Deleuze, o “acontecimento é o próprio sentido”.<sup>46</sup> Ora, Deleuze tematiza o acontecimento desde sua tese de doutorado, *Diferença e repetição*, que foi publicada pela primeira vez em 1968, mas, em *Lógica do sentido*, adentra pelos escaninhos e desnuda o conceito, articulando-o com a concepção de singularidade. Para Deleuze, em certa medida, todo acontecimento é uma singularidade pela potência em evidenciar diferença. A singularidade é “essencialmente pré-individual, não-pessoal, a-conceitual. Ela é completamente indiferente ao individual e ao coletivo, ao pessoal e ao impessoal, ao particular e ao geral – e às suas oposições”.<sup>47</sup> Não será possível nos demorarmos muito aqui. Para nossa finalidade, devemos dizer que a comunicação desenfreada é uma rival, uma inimiga apaixonada da singularidade, porque torna tudo pessoal, individualizado ou coletivo. A comunicação desenfreada faz com que os circuitos do regime social do controle funcionem em um fluxo ininterrupto de informações, em que faltam momentos de silêncio, faltam acontecimentos. Em certa medida, a singularidade aproxima-nos do acontecimento e, por outro aspecto, o acontecimento reforça a singularidade, tornando possíveis encontros genuínos,

---

<sup>45</sup> Veyne, P. *Comment on Écrit l'Histoire*. Paris: Seuil, 1971, p. 18.

<sup>46</sup> Deleuze, G. *Lógica do sentido*. Luiz Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 34.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 55.

experiências, experimentações, possibilidades imanentes de afirmação incondicional da vida. O excesso de comunicação é um obstáculo terrível contra as singularidades.

O terceiro elemento que compõe o cogito da mercadoria é o mercado. Mais especificamente, o que aqui denominamos “deus-mercado”. Uma força catequizadora que deseja que todos rezem suas novenas. Um tipo de religião laica que aceita todas as pessoas, prometendo salvação. Essa salvação se daria pela inclusão no mercado. Esse mercado se modifica: é uma metamorfose ambulante que muda para se manter a mesma. Esse mercado tem sobrenome: “capitalismo”.

O mercado capitalista é contrariado pelas exclusões e prospera incluindo, em sua esfera, efetivos sempre constantes. O lucro só pode ser gerado pelo contato, pelo compromisso, pela troca e pelo comércio. A realização do mercado mundial constituiria o ponto de chegada dessa tendência. Em sua forma ideal, não há um fora no mercado: o planeta inteiro é seu domínio.<sup>48</sup>

O que é o deus-mercado? No caso do mercado, estamos tratando de uma máquina poderosa que abandona todas as fronteiras, fala todas as línguas, criando um tráfego ilimitado entre tudo. O mercado encarna a promulgação de um território unificado e planetário, em que todas as paisagens passariam a ter a mesma bandeira, todos falariam a mesma língua. Ou seja, o fim dos estrangeiros. Todos podem se registrar, desde que não percam de vista algumas coisas. Se desmembrarmos o deus-mercado, nós teremos primeiro o conceito de “deus”. Pois bem, a definição mais corriqueira de deus é a de um ser sem propriedades compartilhadas. Deus é onisciente, onipotente e onipresente. Deus pode tudo, tudo sabe e está em todos os lugares. Com efeito, são essas as propriedades perseguidas pelo mercado: onisciência, onipotência e onipresença. O deus-mercado pretende fazer todas as casas serem seu templo, convertendo tudo o tempo todo. Alguns clichês são incontornáveis: o dinheiro é o símbolo religioso de adeptos. Toda crente do deus-mercado vive sob o risco desse fundamentalismo: tudo pode ser vendido, tudo pode ser comprado. O que mais se sabe sobre o deus-mercado? Outra ideia óbvia: a precificação da vida, desde crianças até casamentos passam a ter seus códigos de barra. Não é raro que digam algo como: “uma filha custa uma fortuna, plano de saúde, escola, brinquedos na infância, cinema e cursos de línguas na adolescência; enfim, até o fim da faculdade, se paga muito caro para formá-la e criá-la”. Ora, a criação passa a estar vinculada ao custo. Neste sentido, os códigos de barra se multiplicam, as etiquetas e

---

<sup>48</sup> Hardt, M. Op.Cit., p. 361.

marcas demarcam todas as relações. No regime de controle, o poder do dinheiro se mostra como o símbolo religioso do deus-mercado.

É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medida padrão –, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o surf já substituiu os antigos esportes.<sup>49</sup>

Deleuze está nos falando de uma serpente surfando nas ondas imponentes e gigantes do mercado. O deus-mercado não se cansa de dizer coisas do tipo: “está tudo dominado” e “é tudo nosso”. O próximo passo do cogito da mercadoria, através do seu elemento “deus-mercado”, é colocar códigos de barra em tudo. Se, para alguns, o crucifixo é sagrado, ou o terço, os búzios, as guias de orixás; para fiéis do deus-mercado, basta o dinheiro, e o sinal da salvação é ter preço tanto para vender, como para comprar. O que faz a heresia é a falta de preço. A frase comum, de domínio público, repetida várias vezes, diz: “não existe almoço grátis”. Ou ainda, “tudo tem seu preço”. Ora, assumir que tudo tem um valor monetário, comercial, é o último elemento do cogito da mercadoria. O que tem se tornado cada vez mais um lugar comum, um clichê generalizado.

### **O cogito da mercadoria em ação**

Deleuze nos presenteia com belíssimas problematizações filosóficas sobre o cinema, trazendo conceitos como *imagem-tempo* e *imagem-movimento*. Aqui não faremos nada disso. Mas como ele lembra da heroína de Europa 51 quando trata da passagem das sociedades disciplinares para o regime de controle, nós aqui lembramos de “heróis” e “vilões” do filme *Matrix Revolution*. Sem nenhuma inflexão sobre o pensamento que o cinema nos pode “impor”, o filme da indústria americana tem clichês, e a proposta dos irmãos Wachowski é diferente das motivações de Eisenstein, Hitchcock, Godard e outros cineastas que ocupam os escritos de Deleuze.

---

<sup>49</sup> Deleuze, G. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, p. 220.



No terceiro filme da trilogia *Matrix*, o agente Smith tem um objetivo: transformar todos nele. Neste aspecto, o sistema de controle que a narrativa se propõe a tratar traz consigo uma ideia que aqui desenvolvemos. O cogito da mercadoria pretende igualar tudo, tornar todos homogêneos, fazer com que todas as diferenças cessem. O cenário do filme traz uma trama simples: figuras estéticas com afectos e perceptos que se confundem com personagens conceituais simpáticos e antagonistas às sujeições do regime social do controle. Neo (protagonista do filme) tem Morfeu como mentor, um puro devir-negro. Neo tem Smith como rival. Na trama, o objetivo de Neo é parar Smith, que pretende fazer todos se transformarem num homem branco, vestindo um terno escuro, bem barbeado e com um corte curto de cabelo, arrumado com gel fixador. Ora, o rosto de Smith é um signo muito próximo do que chamamos de cogito da mercadoria. Consciência branca, comunicação desenfreada e deus-mercado entrelaçados, roubando da vida o seu maior capital: a diferença. Dito de outro modo, nas sociedades de controle, o racismo antinegro tem no cogito da mercadoria o seu agente mais poderoso.

De maneira semelhante aos filmes *Matrix*, qualquer pessoa se transforma em cogito da mercadoria. Quase ninguém está livre de operar dentro das linhas de força do racismo antinegro. Um policial, uma senhora filiada a um partido de esquerda, uma criança da elite econômica, uma médica ou um jovem armado, qualquer pessoa pode exercer o racismo antinegro. Todas as pessoas podem se transformar em agentes. No primeiro filme da série, a *Matrix* – que, em certa medida, funciona como metáfora do regime de controle – há agentes em toda parte, de todos os lados. Morfeu diz que um agente é qualquer pessoa que não esteja “livre”. Nós não vamos nos debruçar sobre os conceitos “livre” ou “liberdade”. Para nossa finalidade, basta dizer que as sujeições se opõem aos modos de liberdade. O endividamento é uma maneira de sujeição, submissão ao controle. De modo simples e até infantil, podemos dizer que o cogito da mercadoria funciona ordenando consciência branca, comunicação desenfreada e o deus-mercado, para atordoar as diferenças, deixando todos em rede, on-line todo o tempo, se aproximando da branquidade, comprando e vendendo.

## Conclusão parcial: o devir negro e / ou o grito de Garner

O grito de Garner vai de encontro ao cogito da mercadoria, porque precisa espantá-lo, impedir que chegue perto. Este grito, “Eu não consigo respirar!”, nos fala de um povo, de um devir. Um devir-povo:

O povo é interior ao pensador, porque é um “devir-povo”, na medida em que o pensador é interior ao povo, como devir não menos ilimitado. O artista ou o filósofo são bem incapazes de criar um povo, só podem invocá-lo, com todas as suas forças. Um povo só pode ser criado em sofrimentos abomináveis, e tampouco pode cuidar de arte ou de filosofia. Mas os livros de filosofia e as obras de arte contêm também sua soma inimaginável de sofrimento que faz pressentir o advento de um povo. Eles têm em comum resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha, ao presente.<sup>50</sup>

“Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar”.<sup>51</sup> Não nos interessa somente definir o devir; mais importante é perseguir como esse devir que grita “não consigo respirar” é um devir-negro, que pode compor em favor de liberações e romper com os agenciamentos opressores das sociedades de controle. Um devir que pode ir de encontro ao cogito da mercadoria.

Mas, sem dúvida, aqui nossa leitura de Deleuze não nos permite concluir algo. Uma articulação interessante é propor que gritemos em coro com os ecos do dia 17 de julho de 2014. Afinal, quando Garner disse “eu não consigo respirar”, sua voz não foi ouvida. Os ouvidos do Estado não foram afetados. Mas nós não queremos concessões do Estado. Não se trata de negociar com a sociedade de controle que possibilidades de abrandamento e vistos de permissão podem ser concedidos em troca de alguma obediência ao cogito da mercadoria. Nós queremos nos ouvir. Porque só precisamos, na esteira do grito de Garner, de uma coisa. Respirar. Nós precisamos respirar. A respiração aqui não é somente um ato fisiológico. O verbo respirar aqui é um exercício de *desfarsar*<sup>52</sup> o controle. Se o regime social de controle é cínico, se o cogito da mercadoria é hipócrita, farsante e audaz em se manter embranquecendo a tudo e todos, o devir-negro contido nos gritos das ruas é para *desfarsar*, desfazer a farsa. Esse grito funciona como a apoteose de um povo, de uma raça que filosofa, intercessora do pensamento. Afinal, a “raça invocada

---

<sup>50</sup> Deleuze, G. & Guattari, F. *O que é filosofia?*, p. 144.

<sup>51</sup> Deleuze, G. & Parnet, C. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1997, p. 8

<sup>52</sup> Em certa medida, o verbo *desfarsar* aparece aqui como um neologismo para indicar o desmascarar da farsa do controle, isto é, uma denúncia do disfarce do dragão avassalador em pele de ovelha (branca).

pela [...] filosofia não é a que se pretende pura, mas uma raça oprimida, [...], anárquica, nômade, irremediavelmente menor”.<sup>53</sup> Talvez, para combater o racismo antinegro que o cogito da mercadoria articula e capilariza nas sociedades de controle, seja preciso continuar gritando...

Recebido em: 06/02/2015 – *Received in:* 02/06/2015

Aprovado em: 08/12/2015 – *Approved in:* 12/08/2015

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 145.